

Rit.U” (60’)

Taanteatro Cia. de Dança

Espaço O LUGAR

Rit.U é obra resultante de projeto que propôs uma “dramaturgia coletiva” a integrantes do núcleo *Taanteatro – Formação, Pesquisa, Criação*.

Tendo como proposta uma discussão sobre ancestralidade e meio ambiente urbano organizou-se também por intervenções prévias em ruas, ruínas, praças e parques da cidade de São Paulo, apontando-se para um projeto híbrido, com encenação fora e dentro de um espaço cênico propriamente dito.

O apresentado na *4ª Mostra Fomento à Dança* carrega em sua estrutura os traços desta proposição de origem.

Da mesma maneira, sendo uma proposta que engloba formação, pesquisa e criação, também se marca por outro índice original- seu elenco é composto por artistas e por integrantes em processo de formação, trazendo contrastes marcantes de atuação entre os integrantes.

Rit.U começa no saguão de *O Lugar*, e ser comporá de uma série dos “ritos” que o espetáculo nos propõe, em justaposição.

O primeiro deles – bailarinas, como integrantes do público estão por meio dele e pouco-a-pouco iniciam intervenções em que se subvertem seu papel social, de comportadas passam a agir por ações fora do padrão a se esperar de quem ali está. À semelhança do que poderia acontecer em terreiro de religião anímica - “embolam” no meio do hall de entrada, passando de “peruas chics” a moças um tanto descontroladas.

O próximo “rito” do espetáculo, ainda no hall de *O Lugar*, é o de um adestrador, que entra da rua trazendo, feras-intérpretes acorrentadas por coleira De chicote em punho (há uma certa

referencialidade à estética sado-masoquista) o adestrador controla as feras que “farejam/mordem” até serem soltos por sobre as intérpretes do início da função.

Na cena do palco há caixas e telas suspensas de papelão onde são projetadas imagens. Por entre elas evoluem os intérpretes, até que o espaço fique totalmente vazio.

Nele, sucedem-se cenas justapostas entre si, como fragmentos de ritos deste Rit.U, até o momento em que somos chamados para novamente sair para o hall de entrada.

Antes disto, temos uma heterodoxa e interessante *chorus line* na boca de frente e se, em alguns momentos, a catarse presente como elemento de certos ritos parece ser um estado de emoção ao qual se almeja, sua tradução manifesta-se através de tentativas que beiram o amadorismo, como no momento de uma “devoração” entre quatro artistas em cena.

Na sucessão dos fragmentos, há momentos de uma escrita coreográfica mais marcada, onde os intérpretes tentam a realização de movimentos em conjunto, terminando pelo chamado à platéia para a participação de uma dança sobre o palco.

Neste momento torna-se interessante o contraste entre profissionais e, em princípio, pessoas sem qualquer experiência de dança, acentuando-se a impressão de que o elenco apresenta performance muito irregular entre seus elementos, posto se assemelharam, no que fazem, ao realizado pelos recém-chegados ao palco.

Esta cena remete aos espetáculos dos anos 60, onde a irreverência, presente na quebra de barreira entre palco e platéia, em busca de rituais contemporâneos - que fizessem face ao ritual aristotélico do teatro - abrissem lugar na contracultura mundial.

Muitos dos jovens de hoje não tem acesso a este tipo de “espetáculo-obra-estética” e, não é de se estranhar que se sintam

atraídos por criações desta natureza, as mesmas constituindo-se em quase obras de repertório, em um sentido pós-moderno do termo. Por elas formam-se não somente alunos de teatro/dança, mas também públicos em começo de seu amor pela arte da cena.

Em **Rit.U**, depois da pista de dança neo-hippie instaurada na cena do palco, somos chamados a presenciar, no hall, os ritos-solo de cada um dos integrantes do grupo e, neste momento, o destaque fica a cargo de uma delas, que vendada, expõe um momento de cegueira cênica, exortando-nos a partir de questão lançada aos que a circundam: “Adoença-me!”.

A *Taanteatro Cia. de Dança*, fundada e dirigida por Maura Baiocchi e Wolfgang Pannek, busca no espetáculo um processo de formação, o que fica evidente pelos intérpretes e seus tipos desiguais de performance.

Ambos coordenam esta obra, articulando conteúdos e emprestando suas assinaturas aos artistas deste projeto da Cia., desta feita voltado para temas do meio-ambiente, trabalhado em outras obras/ações do grupo.

A opção pelo “ritual em cena”, tradução de rituais culturais de outra natureza, em estratégias presentes no *Taanteatro* e em outros sistemas de formação cênica praticados por estes artistas, não se dá de forma superficial e distante da história da companhia. Pelo contrário, se funda em suas origens e se desenvolve organicamente em sua trajetória.

Todavia, ao trabalhar-se com artistas pouco maduros ou em formação, apresenta-se um trabalho com fragilidades profissionais a serem pensadas, trabalhadas, para a consolidação de um elenco mais afinado entre si e deste com seus diretores.

O envolvimento destes atores, desde já, manifesta-se no engajamento que demonstram na realização da proposta - matizado de uma intensidade quase emocionada.

Um sentimento que circula pelo público, sobretudo entre aqueles que pouco conhecem da história da arte da performance, que pode ser contada por livros, vídeos e cinema, mas que se presencia em obras, a história sendo vivenciada (ou revivida) pela e através comoção que esperamos que ela produza.

Neste sentido, *Rit.U* teria bem mais a oferecer, a partir de uma maturação de sua história e de uma mais fundamentada exposição de seus motivos, sobretudo os de natureza formativa.